

Família Missionária Verbum Dei
Caderno de Oração Quaresma/Páscoa 2016

Rosto de Misericórdia



«Vai e faz tu também o mesmo»

Lc 10, 37

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Maria Amália Vieira
Sara Bello
Sofia Almeida

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Família Missionária Verbum Dei
Caderno de Oração Quaresma/Páscoa 2016

Rosto de Misericórdia

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Quaresma
8	10 Fevereiro - Quarta-feira de Cinzas
12	14 Fevereiro - Domingo I da Quaresma
16	21 Fevereiro - Domingo II da Quaresma
20	28 Fevereiro - Domingo III da Quaresma
24	6 Março - Domingo IV da Quaresma
29	13 Março - Domingo V da Quaresma
	PARTE II Semana Santa e Páscoa
34	20 Março - Domingo de Ramos
38	24 Março - Quinta-feira Santa
42	25 Março - Sexta-feira Santa
47	26 Março - Vigília Pascal
51	27 Março - Páscoa
	PARTE III
56	A nossa Verdadeira Identidade
64	Próximas atividades da FaMVDei Lisboa

O Rosto da Misericórdia

“Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai” diz o Papa Francisco, no começo da Bula *Misericordiae Vultus*.

No tempo litúrgico da Quaresma e Semana Santa, o rosto de Jesus tem um aspeto triste e o seu olhar profundo adquire um peso no qual podemos decifrar uma mescla de ternura, perdão, paciência, sofrimento... que nos transportam para o Seu Coração. Um Coração aberto à dificuldade, ao pouco estimável, inclusivamente ao odioso, ao injusto, ao imperdoável, um coração aberto à miséria do homem. Parece que o olhar de Jesus como que absorve essa maldade do homem e a traslada para o Seu Coração, onde tudo se transforma.

Realmente, creio que é só no Coração de Cristo que podemos refazer-nos, reciclarmo-nos e voltar a ser homens e mulheres novos.

Creio não me equivocar se digo que no Coração de Jesus acontece o milagre da transformação que tão maravilhosamente descreve Francisco de Assis: “Onde haja tristeza ponha eu a alegria, onde haja...”

Está claro que este caminho nada tem de bucólico, é um caminho quaresmal, que desemboca na Semana Santa. Jesus, como Servo sofredor, assume o nosso pecado, carrega-o, realiza um caminho no qual a nossa desumanização se vai convertendo, até que, elevado na Cruz, nos devolve a nossa identidade de filhos de Deus, criados à Sua Imagem e Semelhança, cheios, como Ele, de amor e misericórdia.

Só entenderemos este tempo se o vivermos junto de Jesus, junto do Seu Coração apaixonado, deixando-nos tocar e transformar, deixando que Ele amasse o nosso barro e lhe dê forma, que vá levantando a nossa vida de minhocas rastejantes e a converta numa vida erguida, “em pé”.

- Em pé para encarar as injustiças.
- Em pé para olhar mais adiante.
- Em pé para não nos acomodarmos.
- Em pé para ter novas perspectivas.
- Em pé para viver ressuscitados.
- Em pé para oferecer a todos misericórdia.

Oração de São Francisco de Assis

*Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor;
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
Onde houver discórdia, que eu leve a união;
Onde houver dúvida, que eu leve a fé;
Onde houver erro, que eu leve a verdade;
Onde houver desespero, que eu leve a esperança;
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Ó Mestre, Fazei que eu procure mais
Consolar, que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;
amar, que ser amado.
Pois é dando que se recebe,
é perdoando que se é perdoado,
e é morrendo que se vive para a vida eterna.*

(São Francisco de Assis)



parte I

Quaresma

Re-começar o caminho

Jl 2,12-18 «Naquele tempo, disse Jesus aos Seus

discípulos: “Guardai-vos de fazer as vossas

Sl 50 (51) boas obras diante dos homens, para vos

tornardes notados por eles; (...) Quando,

2 Cor 5,20–6,2 pois, deres esmola, não permitas que toquem

trombeta diante de ti, como fazem os

Mt 6,1-6.16-18 hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, a fim de

serem louvados pelos homens. Em verdade

vos digo: Já receberam a sua recompensa.(...) Tu, porém, quando

orares, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta, reza em

segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, há de recompensar-te.

(...) Tu, porém, quando jejuares, perfuma a cabeça e lava o rosto,

para que o teu jejum não seja conhecido dos homens, mas apenas

do teu Pai (...)”» (Mt 6, 1-6-16-18)



omeça a Quaresma, o tempo privilegiado no caminho para a misericórdia do Pai.

A misericórdia que não pode ser apenas “o olhar para baixo e dar a mão para levantar”, como nos mostrava a Ventura nas pistas de lançamento deste caderno de oração. Das 7 grandes peças do “Puzzle da Misericórdia” que teve a inspiração de nos apresentar, perdi-me no Des-culpar e no Per-doar. Assim escritos com hífen para que melhor se perceba que se pretende tirar a culpa, não acusar, não apontar, não criticar e tudo dar, dar mesmo, sem limites, tudo o que o outro precisa sem nos preocuparmos se

merece ou não... São palavras de sentido muito maior e mais forte do que algumas vez tinha notado, e vale a pena lê-las e relê-las até o seu significado se entranhar...

Des-culpar e Per-doar aos outros e a nós próprios. Enredamo-nos tão facilmente em julgamentos e condenações que estes são passos fundamentais para vivermos bem este tempo de Quaresma. Sinto que tenho de começar pelos de casa, continuar pelos colegas de trabalho, chegar porventura à minha revisão...



A quem e o que quero Des-culpar?

Quem e o que é que precisa que eu (me) dê sem limites?

Sinto também que tenho de pedir des-culpa e per-dão ao Pai. Por não acreditar suficientemente que sou seu filho muito amado.

Des-culpa e per-dão por continuar a querer reconhecimento pelas minhas obras e realizações. Não só permito que “toquem trombeta” diante de mim, como eu próprio toco trombeta, trombone e bombardino!

Em que situações diárias procuro o reconhecimento do que faço, procuro ser aquilo que faço?

Des-culpa e per-dão, por continuar a dar importância ao que tenho, sem pensar que tudo se pode perder tão facilmente. E até por achar que é meu o que apenas pertence a Deus e ao Mundo como os filhos, meus apenas para os amar, cuidar e ajudar a crescer.

Des-culpa e per-dão de querer parecer bem aos olhos dos outros, que digam bem de mim, das minhas atitudes, das minhas ideias, da minha vida... Não estarei a dar demasiada importância ao que pensam e dizem de mim, perdendo a liberdade para amar e desfrutar a própria vida?

O que faço para que os outros notem que o faço? Em que situações “desfiguro o rosto”? E em que outras “perfumo a cabeça”?

Neste tempo de preparação para a grande festa da Páscoa do Senhor é imperioso entrar no “quarto mais secreto” e fechar a porta do ruído do Mundo para “rezar em segredo”. Chegar ao fundo, à raiz. Não há outro ponto de partida para esta caminhada em direção à Misericórdia do Pai. Até porque depois de des-culpar e per-doar temos que seguir até re-conciliar! O Senhor recompensar-nos-á...

Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.

(Papa Francisco – Misericordiae Vultus)



Que a tua resposta nasça da Fé!

- Dt 26,4-10** «Cheio do Espírito Santo, Jesus retirou-se do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto, onde esteve durante quarenta dias, e era tentado pelo diabo. Não comeu nada durante esses dias e, quando eles terminaram, sentiu fome.
- Sl 90 (91)** Disse-lhe o diabo: “Se és Filho de Deus, diz a esta pedra que se transforme em pão.”
- Rm 10,8-13**
- Lc 4,1-13**

Jesus respondeu-lhe:

“Está escrito: Nem só de pão vive o homem.”

Levando-o a um lugar alto, o diabo mostrou-lhe, num instante, todos os reinos do universo e disse-lhe: “Dar-te-ei todo este poderio e a sua glória, porque me foi entregue e dou-o a quem me aprover. Se te prostrares diante de mim, tudo será teu.”

Jesus respondeu-lhe:

“Está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto.”

Em seguida, conduziu-o a Jerusalém, colocou-o sobre o pináculo do templo e disse-lhe: “Se és Filho de Deus, atira-te daqui abaixo, pois está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito, a fim de que eles te guardem; e também: Hão-de levar-te nas suas mãos, com receio de que firas o teu pé nalguma pedra.”

Disse-lhe Jesus:

“Não tentarás ao Senhor, teu Deus.”

Tendo esgotado toda a espécie de tentação, o diabo retirou-se de junto dele, até um certo tempo.» (Lc 4, 1-13)



vida é um caminho que se percorre “mergulhado” em dúvidas e incertezas, e nenhum conhecimento que se adquira ao longo da vida permite a resolução destes fenómenos e, por conseguinte, não é possível viver o minuto seguinte em pleno controlo...

Tudo acaba por ser, portanto, uma questão de perspetiva e de sensibilidade perante a realidade. Depois de uma resposta que se obtém (seja sob uma perspetiva filosófica ou científica), outras tantas questões surgem. É sempre assim.

A dúvida e a incerteza são, por isso, parte da existência humana. Compõem-nos. Se, por um lado, podem causar desconforto ao ser humano, têm em si o potencial de ser luz e caminho!

Como vivo as minhas dúvidas? Como vivo com a minha realidade humana? Desejo eventualmente um controlo total da minha vida e do que a afeta? Considero esta realidade uma limitação? Ou um dom...?

Iniciamos neste Domingo um tempo de dúvidas... A Quaresma antecipa uma grande interrogação. Jesus também viveu esta realidade humana!

O Evangelho de hoje é uma passagem muito lida e relida, conhecida por todos. Ainda assim, a Palavra de Deus traz sempre novidade! Hoje, ajudou-me a compreender que a dúvida e a incerteza são, efetivamente, não algo externo ao ser humano e que teima em incomodar, mas uma peça que o compõe.

A dúvida humaniza-nos! Humanizou Jesus!

Efetivamente, 90% das vezes (ou talvez mais...), a experiência que faço de momentos de dúvida na minha vida, de ausência de luz, de ausência de sentido, faço-o ainda com uma carga negativa, como um fardo pesado, à espera que passe depressa, obviamente sem sorrisos no rosto... Mas esta passagem de Jesus faz-me perceber que se pode viver de forma diferente! O seu efeito pode ser positivo! É uma questão de perspetiva e se quero controlar ou se, pelo contrário, me deixo guiar e me entrego nas Suas mãos. Assim, talvez a maior paz com que vivo os momentos de tribulação até me permita viver com um sorriso de quem se sabe sempre amado e acompanhado...

Se a minha pretensão é continuar a ser profundamente racional e a viver numa lógica de eficiência (conforme a vivemos hoje, na sociedade), a batalha vai continuar e um momento que poderia ser de evolução individual, da pessoa, da comunidade, pode ser profundamente destrutivo e doloroso... Tudo dependerá de como vivo nas minhas escuridões e se o faço à luz da fé e da esperança com o Senhor sempre!

Confiar que Deus está sempre e me habita é profundamente salvífico! Esta é a maior das sabedorias que se pode adquirir!

As tentações apareceram na vida de Jesus... aparecem sempre, em todas as vidas. Momentos de dúvidas, momentos de incerteza – “o caminho é mesmo o que estou pronto a iniciar ou deveria ser outro? É este o passo agora a dar, ou é melhor ficar sossegado?”

As dúvidas vêm e vão... Também “o diabo retirou-se de junto de Jesus, até um certo tempo”. Jesus viveu na dúvida, com tentações constantes. Mas, em Jesus, as dúvidas projetaram-No para um nível superior! Cada resposta Sua era consequente e substanciava o passo seguinte que dava! E assim fez o Seu caminho, sempre acompanhado, experimentando as interrogações com o Pai, respondendo com o Pai e vivendo pelo Pai!

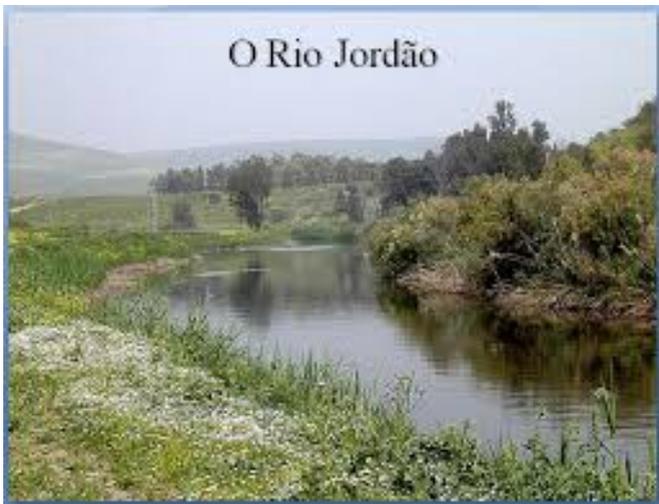
Jesus levar-nos-ia de novo para a beira do lago, ao deserto, ao rio Jordão. Entraria nas nossas casas e falaria uma palavra que nos tocava e comoveria o coração.

A Sua palavra é sempre alternativa. A voz de Jesus não é mais uma. Não é uma voz que nos confirma, que diz “está tudo bem”, mas é uma voz que não se conforma. Jesus é um inconformista e por isso leva-nos sempre para a margem.

A palavra e a experiência cristã deslocam-nos para fora do rebanho, para fora das nossas certezas e daquilo que está estabelecido. Ou então é uma palavra que nos leva para dentro, nos reaproxima, estabelece connosco de novo uma intimidade. E aí, Jesus é capaz de tocar por dentro o nosso coração.

(José Tolentino Mendonça)

(http://www.snpcultura.org/jose_tolentino_mendonca_palavra_e_experiencia_crista_lavam-nos_para_fora_rebanho.html)



Confia e Espera no Senhor!

- Gn 15,5-12.17-18 «Naqueles dias Deus fez sair Abrão para fora de casa e disse-lhe: “Olha para o céu e conta as estrelas, se é que as podes contar.” E acrescentou: “É assim que será a tua descendência.” Abrão acreditou no Senhor.» (Gn 15)
- Sl 26 (27) «O Senhor é a minha luz e salvação; a quem temerei?
O Senhor é a defesa da minha vida;

quem me fará tremer?

Escutai-me, Senhor, eu clamo!

Por piedade, respondei-me!

Segredou-me o coração:

“Procura a Sua face!”

É Senhor, o Vosso rosto que eu persigo.

Não escondais de mim o Vosso rosto,

Nem rejeiteis, com ira, o Vosso servo.

Vós sois a minha ajuda, o Deus da salvação.

Espero a dita de ver a bondade do Senhor na terra dos vivos.

Coragem! Tem esperança no Senhor!

Coração firme! Espera em Deus!» (Sl 26)

«“Mestre, que bom é estarmos aqui!” (...) Veio uma nuvem, que os cobriu da sua sombra; e eles ficaram cheios de medo, ao entrarem na nuvem. Da nuvem fez-se ouvir uma voz que dizia: “Este é o Meu Filho, o Meu eleito: escutai-O”. Quando a voz se fez ouvir, Jesus ficou só. Os discípulos guardaram silêncio e, naqueles dias, a ninguém contaram nada do que tinham visto.» (Lc 9)

Rezei estas leituras nos últimos dias do ano passado e nos primeiros dias de 2016. Senti que me convidavam a viver este Novo Ano, a viver este tempo novo, com uma enorme **Confiança e Esperança...** Palavras que me têm acompanhado... e de que preciso imenso, mais do que tudo na vida... Mesmo quando temos a “sorte” de ter uma família, uma casa, trabalho, saúde, estabilidade, uma comunidade, amigos e até irmos experimentando que somos amados e até amamos os outros... necessitamos de procurar continuamente “o rosto misericordioso de Deus”, tal como rezamos no salmo: *“Segredou-me o coração: Procura a Sua face!”*.

Entrar e mergulhar no **Ano de Misericórdia** não me pode deixar indiferente: saber que Deus me diz “És o meu filho/a minha filha”, acolho-te diariamente com um abraço amoroso. Esta experiência transformadora faz-nos sentir que é essencial mantermo-nos em relação com este Pai. Por isso precisamos de “parar”, de deixar para trás algumas coisas que até são boas, mas que não nos “deixam” ou “atrapalham” a vida interior.

“Somos filhos amados!” – esta é nossa verdadeira identidade! Não somos o que temos (e o que não temos); não somos o que fazemos (e o que não fazemos); não somos o que os outros pensam de nós (e o que não pensam)!

Esta realidade é tão libertadora, permite-nos viver uma vida fecunda e feliz para “além da vida quotidiana e caótica”, permite-nos viver com estabilidade e confiança – porque estamos focados no Amor de Deus – e assim sermos nós próprios e cumprir verdadeiramente a nossa missão no mundo!

Quando experimentamos esta misericórdia infinita, sentimos uma paz profunda e queremos prolongar esses momentos *“Mestre, que bom é estarmos aqui”*. Mas a misericórdia é algo dinâmico e

poderoso. E, logo de seguida, somos lançados nesta aventura: “*Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso...*” E como será isso?

Se estivermos atentos ao que o Senhor nos sugere: “*Olha para o céu e conta as estrelas*”, a nossa vida já dá / dará frutos de Amor que não podemos sequer imaginar “*É assim que será a tua descendência*”.

Será que estamos dispostos a mudar planos pessoais se o Senhor sugerir que o façamos? No fundo, deixar que a vontade de Deus se sobreponha à minha? É preciso deixar que Deus nos desinstale: “*Deus fez sair Abrão para fora de casa*”. Não é fácil, por isso é tão importante pedir a confiança e a esperança, tal como escrevia no início das pistas...

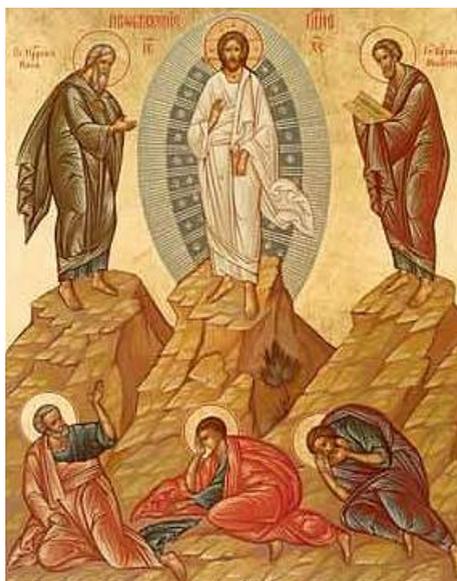
Viver esta Quaresma sabendo que “*O Senhor é a minha luz e salvação*”... Ousar viver com esta atitude! Afinal, de quê ou de quem poderemos ter medo? Quais são os medos que nos imobilizam?

Sei que o teu amor faz novas todas as coisas... Peço-te, Pai, que essa novidade, que nasce do teu amor, afete a minha forma de estar, de me relacionar com os outros.

*“A pessoa sabe com certeza que a sua vida dará frutos;
mas sem pretender conhecer como, onde ou quando;
está segura de que não se perde nenhuma das suas
obras feitas com amor,
não se perde nenhuma das suas preocupações sinceras
com os outros,
não se perde nenhuma das suas generosas fadigas,
não se perde nenhuma dolorosa paciência.*

Tudo isto circula pelo mundo como uma força de vida.”

(Papa Francisco)



Misericórdia para mim!

- Ex 3,1-8.13-15 «Naquele tempo, vieram contar a Jesus que Pilatos mandara derramar o sangue de certos galileus, juntamente com o das vítimas que imolavam. Jesus respondeu-lhes: “Julgais que, por terem sofrido tal castigo, esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus? Eu digo-vos que não. E se não vos arrependerdes, morrereis todos do mesmo modo. E aqueles dezoito homens, que a torre de Siloé, ao cair, atingiu e matou? Julgais que eram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém? Eu digo-vos que não. E se não vos arrependerdes, morrereis todos de modo semelhante.” Jesus disse então a seguinte parábola: “Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha. Foi procurar os frutos que nela houvesse, mas não os encontrou. Disse então ao vinhateiro: ‘Há três anos que venho procurar frutos nesta figueira e não os encontro. Deves cortá-la. Porque há de estar ela a ocupar inutilmente a terra?’ Mas o vinhateiro respondeu-lhe: ‘Senhor, deixa-a ficar ainda este ano, que eu, entretanto, vou cavar-lhe em volta e deitar-lhe adubo. Talvez venha a dar frutos. Se não der, mandá-la-ás cortar no próximo ano.’» (Lc 13, 1-9)
- Sl 102 (103)
- 1 Cor 10,1-6.10-12
- Lc 13,1-9



minha lógica perante os mais necessitados, os que caem em desgraça é a de tentar encontrar uma culpabilidade que me escuse de intervir. Se alguém é pobre é porque gasta mal o dinheiro ou não quer trabalhar. Ocorrem acidentes porque as pessoas não respeitam as regras, e assim por diante.

Já na sociedade, a lógica é a de crime e castigo: um banco abre falência e rapidamente todos os líderes de opinião exigem prisões imediatas para os responsáveis, confisco dos bens, demissão dos responsáveis políticos. Continuamos a ter uma lógica de coliseu de Roma em que há uma multidão ávida de sangue. Esta vontade, que é de todos, é mais rápida que a nossa preocupação por quem ficará sem posto de trabalho, sem as poupanças de uma vida: quem comprou fundos de investimento fê-lo porque foi ganancioso! Jesus convida-nos a ter uma atitude diferente. No ano da Misericórdia esta leitura introduz-nos noutra paradigma e diz-nos duas coisas muito importantes: as coisas más que acontecem à nossa volta não são um castigo divino e o Pai está disposto a esperar, e dá-nos todas as oportunidades de que precisarmos.

A dúvida teológica de todos os crentes, inerente a esta leitura, quando há um imprevisto, uma desgraça que derruba os nossos alicerces é “se Deus é bom porque é que acontecem tantas coisas más?” Na primeira parte da leitura não encontramos uma resposta direta a esta questão, “apenas” a palavra de Jesus que separa claramente as duas desgraças que aconteceram do nosso comportamento. Diz-nos que os males deste mundo não correspondem a uma ira de Deus perante os nossos pecados. Por outro lado, os pecadores não são os que sofrem, pelo contrário, somos todos. Assim, este ano da Misericórdia não se dirige aos

pecadores que sofrem pelos seus pecados, às pessoas que estão presas, aos atormentados pela má consciência, aos pais que maltratam os filhos, aos filhos que abandonam os pais, aos pedófilos, aos assassínios, etc. O ano da Misericórdia destina-se a mim, é este o significado de *“Se não vos arrependerdes perecereis todos do mesmo modo.”* (Lc 13,5). O primeiro passo para reconhecer a Misericórdia do Pai é derrubar este muro que criamos na nossa imaginação entre o pecador (o outro) e eu (o justo).

Quando olho o meu irmão e o ajudo a levantar não é a minha benevolência, nem tão pouco a minha força superior a estender-lhe a mão, não sou eu a olhar o pobre pecador de cima para baixo...É um pecador a ajudar outro pecador. Os dois sedentos da Misericórdia de Deus.



“No início da Santa Missa, todas as vezes somos convidados a reconhecer diante do Senhor que somos pecadores, expressando com as palavras e os gestos o sincero arrependimento do coração. E dizemos: ‘Senhor, tende piedade de mim’, e não ‘Senhor, tende piedade dessa pessoa que está a meu lado’.”

(Papa Francisco, Angelus, a 7 de Setembro de 2014)

“Quanto mais nos sentimos miseráveis, tanto mais devemos confiar na misericórdia de Deus. Porque, entre a misericórdia e a miséria, há uma ligação tão grande que uma não se pode exercer sem a outra.”

(S. Francisco de Sales)

Um Pai misericordioso

- Jos 5,9a.10-12 «Naquele tempo, os publicanos e os pecadores aproximavam-se todos de Jesus, para O ouvirem. Mas os fariseus e os escribas murmuravam entre si, dizendo: “Este homem acolhe os pecadores e come com eles”.» (Lc 15, 1-2)
- Sl 33 (34)
- 2 Cor 5,17-21
- Lc 15,1-3.11-32 «Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: “Pai, dá-me a parte da herança que me toca”. O pai repartiu os bens pelos filhos. Alguns dias depois, o filho mais novo, juntando todos os seus haveres, partiu para um país distante e por lá esbanjou quanto possuía, numa vida dissoluta.» (Lc 15, 11-13)
- «Pôs-se a caminho e foi ter com o pai. Ainda ele estava longe, quando o pai o viu: encheu-se de compaixão e correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos.» (Lc 15, 20)
- «Mas ele respondeu ao pai: “Há tantos anos que eu te sirvo, sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos. E agora, quando chegou esse teu filho, que consumiu os teus bens com mulheres de má vida, mataste-lhe o vitelo gordo”. Disse-lhe o pai: “Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi reencontrado”.» (Lc 15, 29-32)

Bem sabes, Pai, o quanto eu gosto desta parábola, e - mesmo assim - continuo a ter atitudes de vida que me levam a identificar-me com os dois filhos.

Eu seria incapaz de dizer-Te “Pai, dá-me a parte da herança que me toca”; no entanto, no meu dia-a-dia, reconheço que vou efetuando pequenos cortes na nossa relação porque prefiro o conforto do sofá, porque prefiro ter controlo sobre as minhas opções não me comprometendo com nada que possa ultrapassar aquilo que eu acho que posso dar, porque prefiro mais “o eu” do que “o nosso”, e isto afasta-me de Ti. Nos últimos tempos, tenho tentado identificar o que me faz não ser coerente com a minha oração e tenho descoberto que invento muitas desculpas: tenho de ver o mail, a roupa tem de ser passada, há coisas para arrumar, tenho de ligar a alguém, os papéis estão aqui há séculos para serem arrumados... enfim, tudo válido, mas será que tudo isto não poderia esperar mais um bocadinho?

É engraçado, Pai, sempre que rezo esta leitura identifico-me mais com o filho mais velho; no entanto, hoje reconheço que continuo a não ter a humildade de reconhecer aquilo que Tu és para mim, não Te peço a herança mas vou-Te pedindo “uns cobres”, e como me sinto muito segura, com o coração cheio, e muito cheia de mim mesma, afasto-me de Ti e vou para “países distantes” tentar a minha sorte. E, tal como aconteceu na parábola, quando tenho fome lembro-me de Ti. Senhor, porque insisto continuamente em caminhar sozinha? Porque é tão difícil reconhecer a minha falta de humildade em viver de acordo com a Tua vontade? Se queremos sair da casa do Pai é porque em algumas circunstâncias não queremos viver essa vontade. Consigo identificar esses momentos?

Os meus momentos ocorrem quando eu tenho atitudes idênticas às dos dois filhos, que são diferentes mas acabam por levar ao mesmo, não estar mais próxima de Ti, Pai. O mais novo não quer viver a vontade do Pai e parte. O mais velho não se opõe à vontade do Pai. No entanto, também não a vive, vai cumprindo as regras mas, pelo que parece, não tem uma relação suficientemente próxima, de forma a poder entender o comportamento do Pai e a desfrutar do Seu amor e de todas as suas riquezas. Quantas vezes estamos com os nossos amigos e familiares para cumprir preceito e acabamos por não nos darmos ao outro? Quantas vezes estamos na oração por rotina e não nos damos ao Pai?

Quando rezo esta leitura centro-me muito mais nos filhos e sinto que esta noite me convidas a ter outros olhos, a não olhar as faltas dos filhos, mas sim a estar Contigo e conhecer-Te, aprender que Tu acolhes todos os Teus filhos de braços abertos e cobre-los de beijos, sem ralhetes, sem “podes contar sempre comigo, mas eu avisei-te”, simplesmente de coração aberto. Em tempos, li um livro que dizia algo assim: a parábola do filho pródigo não é sobre os filhos mas sim sobre um Pai Misericordioso, que ama os seus filhos incondicionalmente; e é isto que me faz voltar sempre para Ti, Pai, é saber que o Teu amor vai para além do meu entendimento, da minha capacidade de compreensão.

Obrigado, Pai, pelo Teu perdão que dá oportunidade completamente nova, que regenera e dá vida.

(...) A chamada de Jesus leva cada um de nós a nunca se deter na superfície das coisas, sobretudo quando estamos diante de uma pessoa. Somos chamados a olhar para além, a fixar o coração para ver de quanta generosidade cada um é capaz. Ninguém pode ser excluído da misericórdia de Deus; todos conhecem o caminho para aceder a ela e a Igreja é a casa que acolhe todos e não rejeita ninguém. As suas portas permanecem abertas, para que quantos são tocados pela graça possam encontrar a certeza do perdão. Quanto maior for o pecado maior deve ser o amor que a Igreja manifesta em relação àqueles que se convertem. Com quanto amor Jesus olha para nós! Com quanto amor cura o nosso coração pecador! Nunca se assusta com os nossos pecados. Pensemos no filho pródigo que, quando decide voltar para o pai, pensa no que lhe deve dizer, mas o pai não o deixa falar, abraça-o (cf. Lc 15, 17-24). Assim faz Jesus connosco. «Pai, cometi tantos pecados...» — «Mas Ele ficará contente se tu fores: abraça-te com tanto amor! Não tenhas receio».

Queridos irmãos e irmãs, pensei muitas vezes no modo como a Igreja pode tornar mais evidente a sua missão de ser testemunha da misericórdia. É um caminho que começa com uma conversão espiritual; e devemos percorrer este caminho. (...)

Estou certo de que toda a Igreja, que tem tanta necessidade de receber misericórdia, porque somos pecadores, poderá encontrar neste Jubileu a alegria para redescobrir e tornar fecunda a misericórdia de Deus, com a qual cada um de nós está chamado a dar conforto a todos os homens e mulheres do nosso tempo. Não nos esqueçamos de que Deus perdoa tudo, e Deus perdoa sempre. Não nos cansemos de pedir perdão. Desde já confiamos este Ano à Mãe da Misericórdia, para que dirija para nós o seu olhar e

vele sobre o nosso caminho: o nosso caminho penitencial, o nosso caminho com o coração aberto, durante um ano, para receber a indulgência de Deus, para receber a misericórdia de Deus.

(Homilia do Papa Francisco, Vaticano, Sexta-feira 15 de
Março de 2015)



Uma Fé viva

- Is 43,16-21 «Jesus foi para o Monte das Oliveiras. De madrugada, voltou outra vez para o templo e todo o povo vinha ter com Ele. Jesus sentou-se e pôs-se a ensinar. Então, os doutores da Lei e os fariseus trouxeram-lhe certa mulher apanhada em adultério, colocaram-na no meio e disseram-lhe: “Mestre, esta mulher foi
- SI 125 (126)
- Fl 3,8-14 apanhada a pecar em flagrante adultério. Moisés, na Lei, mandou-nos matar à pedrada
- Jo 8,1-11 tais mulheres. E Tu que dizes?” Faziam-lhe esta pergunta para o

fazerem cair numa armadilha e terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se para o chão, pôs-se a escrever com o dedo na terra. Como insistissem em interrogá-lo, ergueu-se e disse-lhes: “Quem de vós estiver sem pecado atire-lhe a primeira pedra!” E, inclinando-se novamente para o chão, continuou a escrever na terra. Ao ouvirem isto, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos, e ficou só Jesus e a mulher que estava no meio deles. Então, Jesus ergueu-se e perguntou-lhe: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?” Ela respondeu: “Ninguém, Senhor.” Disse-lhe Jesus: “Também Eu não te condeno. Vai e de agora em diante não tornes a pecar”.» (Jo 8, 1-11)



mulher adúltera é, talvez, das passagens mais conhecidas e citadas dos Evangelhos. “*Quem de vós estiver sem pecado atire-lhe a primeira pedra!*”, “*Vai, e de agora em diante não tornes a pecar*” são frases que estão fortemente enraizadas não só na vida dos católicos, mas também na cultura dos povos que com elas contactaram.

A Cristo é imposto um dilema pelos fariseus e doutores da lei, que querem forçá-lo a tomar uma posição, a cometer uma ação que os permita condená-lo: vaticina o perdão, indo contra a lei, ou não? Provavelmente, esperariam que fosse contra a lei vigente na época e teriam, assim, razões para o condenar. Mas Jesus não fez o que era esperado. Jesus deixa a cada um, com a sua consciência, a decisão do caminho a seguir. Não confronta, não toma partido. Continua a escrever no chão (interrogo-me sobre que escrevia Ele...) e diz, quase casualmente, que o dilema é de todos nós.

Quando penso nesta leitura, sinto-me interpelada por Jesus, sinto um convite à ação – porque, na sua aparente passividade, Ele convida-nos a decidir. Convida-nos a fazer o bem, segundo a vontade de Deus, seguindo a Sua justiça – e não pela justiça dos homens. E penso como todos somos as várias personagens desta leitura. Por vezes, estamos no papel da multidão – que exige julgamento e se prepara para condenar –, a quem se pergunta “Nunca fizeste nada errado? Não magoaste alguém? Não deixas de fazer o bem quando podes fazê-lo? Quem te diz que as faltas dos outros são mais graves do que as tuas?”. Nestes momentos, Jesus ajuda-nos a não julgar, a tentar compreender que cada um tem a sua história, as suas circunstâncias, e o direito ao arrependimento, até sem castigo.

Mas, noutras ocasiões, estamos na pele da mulher, atemorizada pela injustiça, pela condenação, até pela culpa e pelo arrependimento, ansiando pelo perdão e por uma segunda oportunidade. Um aspeto que me chamou a atenção e tocou foi o perdão absoluto de Jesus. Não chegamos a saber se a mulher se arrependeu ou se pediu perdão. Mas sabemos que Jesus, cheio de Misericórdia, lhe disse apenas “...*Também eu não te condeno. Vai e não tornes a pecar.*” E estas palavras encerram toda a Misericórdia de Deus, mas também a oportunidade que todos temos, dia-a-dia, de sermos melhores, de amarmos mais, perdoarmos mais. Porque, no fundo, Jesus diz-nos aqui duas coisas: não julgues e não tornes a pecar. É uma voz de esperança, nos dias de hoje, e sabemos que, em nós, essa esperança pode converter-se em ações concretas para um mundo mais justo, mais próximo de Deus. Nesta época de Quaresma, é também um apelo ao nosso exame de consciência – a pensarmos na nossa faltas, na forma de as repararmos e de não tornarmos a repeti-las. Um apelo a uma fé viva, que possa ser o motor de um mundo melhor.



Perdoa-me

*Venho para aprender a ser santo,
Venho pedir, Senhor, a Tua ajuda.
Quero ser alegre e ser humilde,
Sei que com fé a vida muda.*

*Perdoa-me, ensina-me, Senhor,
a ser melhor, a amar-te mais.*

*Venho com as minhas mãos vazias,
Venho como um cego atrás da luz,
Venho como criança perdida,
Venho aprender a amar Jesus.
Quero seguir o teu caminho,
sei que à verdade me conduz.*

parte II

Semana Santa

A descoberta da Misericórdia

Is 50,4-7 «Ora, um dos malfeitores que tinham sido crucificados insultava-o, dizendo: “Não és
Sl 21 (22) Tu o Messias? Salva-te a ti mesmo e a nós também.” Mas o outro, tomando a palavra,
Fl 2,6-11 repreendeu-o: “Nem sequer temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício? Quanto a
Lc 22,14–23,56 nós, fez-se justiça, pois recebemos o castigo que as nossas ações mereciam; mas Ele nada praticou de condenável.” E acrescentou: “Jesus, lembra-te de mim, quando estiveres no teu Reino.” Ele respondeu-lhe: “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso.”» (Lc 23,39-43)



Comecei a rezar estas pistas poucos dias depois do Ano Jubilar da Misericórdia começar. Rezar o Domingo de Ramos foi providencial para compreender melhor a Misericórdia. Todas as leituras nos falam de um Deus que veio ao nosso encontro, que Se deixou matar para que o Amor tivesse a última palavra. O Evangelho, arrepiante, revela-nos Jesus como um Homem que Se deu totalmente, que vive o Seu momento de maior abandono e maior entrega, o Seu caminho de Paixão, com encontros e desencontros. Leio a passagem de Lucas à luz do que o Papa nos convida a rezar este ano e entendo que este é o grande Domingo da Misericórdia e do Amor.

Foi a minha primeira oração "séria" sobre o que significa para mim a Misericórdia. Tentei rezá-la sem preconceitos, expectativas ou definições. Além das leituras do dia, ajudou-me ler um texto de uma das nossas missionárias que dizia que corremos o perigo de considerarmos "a misericórdia como uma substância que se ativa quando há falta de alguma coisa". E isto tem sido tão verdade para mim... Sim, percebi que até agora tenho vivido a misericórdia com um "m" pequeno: vem para me salvar das culpas, para me desculpar, para exercer sobre o outro um domínio quando for o outro que falhou e precisa do meu perdão. Enfim, tudo à volta de relações desequilibradas e sentimentos humanos que conhecemos tão bem.

Nesse mesmo texto dizia que uma das peças do puzzle da misericórdia é a Amizade. Estranho, não é...? Amigo é aquele que dá a vida, disse Jesus. E, na verdade, tempos mais tarde, Jesus concretizou o que disse morrendo na cruz pelos seus amigos, por nós. Dar a vida é AMAR O OUTRO EM PRIMEIRO LUGAR e além, muito para além, de si mesmo. Quando amo sem limites, como se desse a minha vida física, deixa de haver o conceito de culpa/falha. Amo o outro porque sim! Amo-o integralmente, em tudo aquilo que ele é, nas suas atitudes e palavras. E neste processo de amar acabo por resgatar o outro da sua culpa sem saber. A minha amizade salvou-o sem que essa intenção fosse consciente. De certeza que em algum momento experimentámos isto. Quando agora, nesta oração, me vieram ao pensamento esses momentos dei-me conta de que presenciei também atos de maior Misericórdia e maior Amor.

Arriscava dizer que, para quem é pai ou mãe, é mais fácil perceber isto: quando uma criança pequena falha ou se sente mal consigo, a sua reação é portar-se ainda pior (com os meus é assim!). Perante isso, posso escalar a birra ou posso optar, contra o que dizem os livros, por abraçá-lo, seja de que maneira fazê-lo sentir o filho mais

amado do mundo. O resultado é tão visível quanto belo – reconheceu a sua falha e avançou sem se penalizar, nem a ele nem aos outros à volta. Os seus olhos brilham novamente com a espontaneidade e transparência com que só uma criança consegue.

Por isso, nesta peça da Amizade, quando se encaixa, é o outro que reconhece a Misericórdia que recebeu. Quem a deu fica surpreendido com a reação: só quis amar!

No caminho da cruz vejo por isso um Jesus misericordioso, Amigo, que sabe quem é e dá sentido ao sofrimento. Em comunhão com o Pai, sente-Se profundamente amado. O Seu caminho de sofrimento, que pode também ser o de qualquer um de nós, é por isso um caminho de luz e não de morte. Pequenos passos de misericórdia...



O Teu Amor Que Nos Aceita Por Inteiro

Rezo nesta manhã o Teu amor, ó Deus.

O Teu amor que nos aceita por inteiro, que abraça o que somos e o que não somos; o que nós fomos e nos tornámos.

O Teu amor que ama as nossas possibilidades infinitas e indefinidas; os nossos desabrochares esperançosos e as nossas quedas frustrantes; as nossas liberdades insensatas e a nossa timidez hesitante.

O Teu amor ensina-nos a confiança e continuamente relança a nossa história.

(José Tolentino Mendonça, *in* Um Deus que dança)

Fazei-o em memória de Mim

Ex 12,1-8.11-14 «Irmãos: Eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: o Senhor Jesus, na noite em que ia ser entregue, tomou o pão e, dando graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu Corpo, entregue por vós. Fazei isto em memória de Mim”.

Sl 115 (116)

1 Cor 11,23-26

Jo 13,1-15

Do mesmo modo, no fim da ceia, tomou o cálice e disse: “Este cálice é a nova aliança no meu Sangue. Todas as vezes que o

beberdes, fazei-o em memória de Mim». Na verdade, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciareis a morte do Senhor, até que Ele venha”.» (1 Cor 11, 23-26)

«Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim.

No decorrer da ceia, tendo já o Demónio metido no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, a ideia de O entregar, Jesus, sabendo que o Pai Lhe tinha dado toda a autoridade, sabendo que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-Se da mesa, tirou o manto e tomou uma toalha, que pôs à cintura. Depois, deitou água numa bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que pusera à cintura.

Quando chegou a Simão Pedro, este disse-Lhe: “Senhor, Tu vais lavar-me os pés?”.

Jesus respondeu: “O que estou a fazer, não o podes entender agora, mas compreendê-lo-ás mais tarde”.

Pedro insistiu: “Nunca consentirei que me laves os pés”.

Jesus respondeu-lhe: “Se não tos lavar, não terás parte comigo”.

Simão Pedro replicou: “Senhor, então não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça”.

Jesus respondeu-lhe: “Aquele que já tomou banho está limpo e não precisa de lavar senão os pés. Vós estais limpos, mas não todos”.

Jesus bem sabia quem O havia de entregar. Foi por isso que acrescentou: “Nem todos estais limpos”.

Depois de lhes lavar os pés, Jesus tomou o manto e pôs-se de novo à mesa.

Então disse-lhes: “Compreendeis o que vos fiz? Vós chamais-Me Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque o sou. Se Eu, que sou Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que, assim como Eu fiz, vós façais também”.» (Jo 13, 1-15)





azei isto em memória de Mim...

Espera um pouco não entres já no mundo conhecido do teu hábito ao ouvir uma frase tão sabida... Repete devagar. Fazei... isto... em... memória... de... mim...

Outra vez ainda mais devagar:

Fazei! Isto! Em! Memória! De! Mim!

E agora com a mente despida de pré-conceitos, deixa que esta frase daquele que mais nos ama ecoe por dentro: «Faz isto em memória de Mim».

Senhor, que queres que eu faça! O que é isto? Em e por quem? O que é fazer em memória de alguém? E quem és tu? São tantas as perguntas que vêm ao pensamento.

Estes dias tão especialmente cheios na vida de Jesus precisam do coração aberto ao que pensamos saber e... não sabemos. Uma mente curiosa que pergunta mais além do lugar comum e um silêncio que ESPERA NO SILÊNCIO que DEUS FALE, FAÇA E TOQUE NA NOSSA MEMÓRIA. É que aquilo que normalmente fazemos... Fazemos por memória daquilo que recordamos com todo o nosso ser, é a nossa memória afectiva.

Celebrar cada ano e a cada passo a decisão de Jesus que amou os seus que estavam no mundo e decidiu amá-los até ao fim, é contemplar, pedir e acreditar. Contemplar e pedir para acreditar com toda a certeza, experiência e convicção nesse amor. Amor que, sem sabermos como, é gravado na nossa memória, na nossa simplista forma de pensar e na nossa frágil vontade. Só assim poderemos e quereremos amar como ele.

«Dei-vos o exemplo, para que, assim como Eu fiz, vós façais também».

Os exemplos de Jesus são conjugados em presente não em passado ou futuro, são intensos não virtuais, são próximos não longínquos, são frequentes não espaçados... Para que tu e eu possamos fazer experiência do amor tangível no aqui e agora da vida tão cheia de barreiras que ameaçam a nossa capacidade de amar.

Hoje, estes dias, celebra, para contemplar, pedir e acreditar na primeira pessoa neste amor que te inspira, toca, lava e ternamente te diz: «*Vai e faz tu também o mesmo!*». Para que possas viver na abundância do amor, cheio de misericórdia, que te é dado a fundo perdido. Recebe-o imerecidamente sem fim e sem medida, pois nunca faremos o necessário para poder ganhá-lo.

Só assim poderás desculpar aquela pessoa que te tira aquilo a que tens direito. Poderás estender a mão naquela situação onde o rancor te paralisa. Poderás sorrir no meio do sofrimento porque a alegria vem de dentro, não só de fora. Poderás lavar os pés a quem achas que não merece, porque magoa. Poderás criar comunhão com quem não te entende e poderás deixar de exigir que os outros te dêem aquilo que às vezes tu também não sabes dar. Poderás fazer acontecer gestos de amor em memória de Jesus.



Simplemente porque na memória, nessa nossa memória afetiva, faremos mais memória do amor recebido, da Misericórdia experimentada do que da falta de amor que tão repetidamente recordamos. Faz memória... CONTEMPLA, PEDE ACREDITAR nesse amor que não tem limites, não respeita condições e não conhece fim. Assim esta Páscoa poderemos fazer... e dizer: “Jesus, faço isto em memória de ti”.

Jesus entrega-se hoje, por ti!

Is 52,13–53,12 «Tendo dito estas coisas, Jesus saiu com os discípulos para o outro lado da torrente do Cédron, onde havia um horto, e ali entrou com os seus discípulos. Judas, aquele que o ia entregar, conhecia bem o sítio, porque Jesus se reunia ali frequentemente com os discípulos. Judas, então, guiando o destacamento romano e os guardas ao serviço dos sumos-sacerdotes e dos fariseus,

munidos de lanternas, archotes e armas, entrou lá.

Jesus, sabendo tudo o que lhe ia acontecer, adiantou-se e disse-lhes: “Quem buscais?” Responderam-lhe: “Jesus, o Nazareno.” Disse-lhes Ele: “Sou Eu!” E Judas, aquele que o ia entregar, também estava junto deles. Logo que Jesus lhes disse: ‘Sou Eu!’, recuaram e caíram por terra. E perguntou-lhes segunda vez: “Quem buscais?” Disseram-lhe: “Jesus, o Nazareno!” Jesus replicou-lhes: “Já vos disse que sou Eu. Se é a mim que buscais, então deixai estes ir embora.” Assim se cumpria o que dissera antes: ‘Dos que me deste, não perdi nenhum.’

Nessa altura, Simão Pedro, que trazia uma espada, desembainhou-a e arremeteu contra um servo do Sumo-sacerdote, cortando-lhe a orelha direita. O servo chamava-se Malco. Mas Jesus disse a Pedro: “Mete a espada na bainha. Não hei de beber o cálice de amargura que o Pai me ofereceu?”

Então, o destacamento, o comandante e os guardas das autoridades judaicas prenderam Jesus e manietaram-no. E levaram-no primeiro a Anás, porque era sogro de Caifás, o Sumo-sacerdote naquele ano. Caifás era quem tinha dado aos judeus este conselho: ‘Convém que morra um só homem pelo povo.’

Entretanto, Simão Pedro e outro discípulo foram seguindo Jesus. Esse outro discípulo era conhecido do Sumo-sacerdote e pôde entrar no seu palácio ao mesmo tempo que Jesus. Mas Pedro ficou à porta, de fora. Saiu, então, o outro discípulo que era conhecido do Sumo-sacerdote, falou com a porteira e levou Pedro para dentro. Disse-lhe a porteira: “Tu não és um dos discípulos desse homem?” Ele respondeu: “Não sou.” Lá dentro estavam os servos e os guardas, de pé, aquecendo-se à volta de um braseiro que tinham acendido, porque fazia frio. Pedro ficou no meio deles, aquecendo-se também. Então, o Sumo-sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina.» (Jo 18, 1-19)

Hoje é um dia de morte: por mais voltas que a minha oração dê, por mais que eu fuja deste tema, hoje é um dia de morte, de vazio... Também nós precisamos de morrer para tornar a viver, para irmos mais além... Exatamente como aconteceu com o Teu Filho. “*A quem buscais?*” Quem busco eu hoje, aqui, perante Ti?

A morte não pode ter, não tem a última palavra – Jesus é a prova disso.

De que temos medo, quando falamos em deixar morrer? Em deixar morrer em mim algumas atitudes, alguns medos, alguns pesos que trago comigo, no meu coração, que me abafam, que me impedem de viver?... Perante Ti, Senhor, descubro agora que, em última análise, perante a possibilidade de morte e de vazio, tenho medo de que Tu não estejas... De que, afinal, me consideres menos digna, menos qualquer coisa e não me estendas a Tua mão... Tenho medo de ficar sozinha. No vazio. Sem ser amada por Ti... Ensina-me,

Senhor, a não ter medo de Te deixar entrar no meu coração, no mais íntimo, no mais fundo. A baixar todas as minhas defesas, a entregar-Te todos os meus receios, para Te poder verdadeiramente encontrar!

Jesus leva a nossa cruz. A minha, a de cada um de nós.

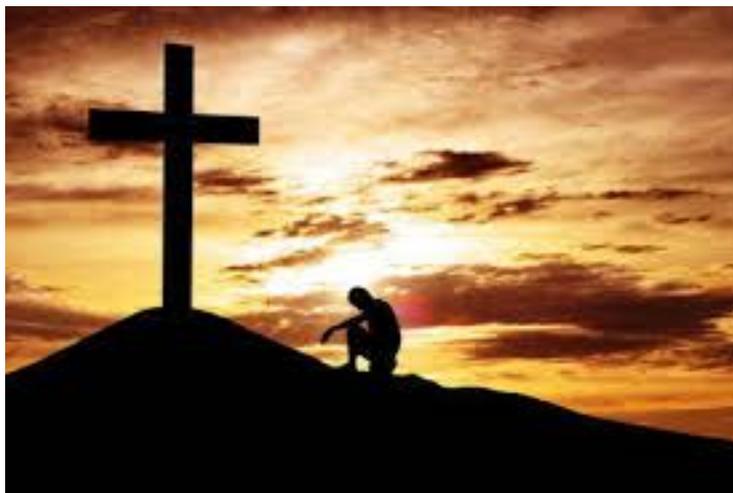
Que quero colocar na cruz hoje, Senhor?

Ajudou-me, na minha oração de hoje, fazer uma cruz no papel e colocar lá todas as atitudes, todas as minhas “cruzes” – as que levo por dentro, que mais ninguém vê, mas que carregam as minhas costas: a falta de oração, que me leva a afastar de Ti e a não gerir bem as minhas prioridades, a entrar na correria e a afastar-me dos Teus caminhos... O egoísmo, que me faz optar pelo meu conforto, pelo meu comodismo e que, de certa forma, me tranquiliza, porque eu tenho medo de arriscar, de dar saltos em frente, “fazendo fé” nas pessoas, nas situações, nas opções de trabalho... A falta de paciência para com o marido, para com os filhos, para com a minha colega de trabalho... O medo de arriscar, de optar, de me afirmar como sou... Os ideais, que me levam ao desamor, à falta de tolerância, ao julgamento dos outros – quando penso que se deviam comportar desta ou daquela maneira... A negação: como Pedro, também eu dou por mim no limbo; umas vezes, sou filha de Deus, outras vezes nem por isso – quando é mais exigente ou mais complicado ou sujeito a julgamentos alheios, ou contra aquilo que me apetece fazer, ou quando não me entrego, não olho para os outros... Pedir perdão mais vezes, pela minha pequenez – de espírito, de mentalidade, que está às vezes tão entranhada que nem dou por ela... Por não olhar mais além... Ser capaz de perdoar mais vezes a insensibilidades dos outros, as ausências, o desamor...

E isto fez-me ver que Jesus também hoje leva as minhas cruzes – também por mim se entrega: mesmo quando a minha cruz é cheia de “pequenices”, ou de parvoíces ... Mas é a minha cruz e é o que me impede, no concreto, na vida de todos os dias, no meu “tempo comum”, de estar mais próxima de Deus!

Que quero entregar hoje na cruz, Senhor? Que quero deixar morrer em mim, Senhor, que me impede de avançar? De ser mais fiel?

“Não perdi nenhum dos que me deste”... Quem me entregas Tu, Senhor, para eu cuidar? Quem precisa hoje da minha entrega?



“De regresso a casa”

A nossa vida é uma oportunidade curta para dizer “sim” ao amor de Deus. A nossa morte é um autêntico regresso a casa para acolher esse amor. Será que desejamos voltar a casa? Parece que a maior parte dos nossos esforços têm por objetivo atrasar o mais possível esse regresso.

Escrevendo aos cristãos de Filipos, o apóstolo S. Paulo mostra uma atitude radicalmente diferente. Diz ele: “Desejaria partir para estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor; mas continuar vivo é mais necessário por vossa causa” (Fl 1,23-24). O desejo mais profundo de S. Paulo é estar completamente unido a Deus por meio de Cristo e esse desejo fá-lo olhar para a morte como um “ganho”. Contudo, o seu outro desejo é continuar vivo no corpo para acabar a sua missão. Isso proporcionar-lhe-á ocasião para um trabalho frutuoso.

Assim, somos desafiados mais uma vez a olhar para a nossa vida a partir do alto. Se, com efeito, Jesus veio oferecer-nos uma comunhão plena com Deus, fazendo-nos partilhar da sua morte e ressurreição, que mais poderemos desejar senão deixar os nossos corpos mortais para alcançar a meta final da nossa existência? A única razão para continuar neste “vale de lágrimas” é poder continuar a missão de Jesus que nos mandou ao mundo, como o Pai o mandou a Ele. Vista do alto, a vida é uma missão curta, por vezes penosa, cheia de ocasiões para fazer trabalho frutuoso pelo Reino de Deus, e a morte é a porta aberta que conduz à sala onde o próprio Rei nos irá servir.

Parece tudo tão contrário à visão comum da vida! Mas é a via de Jesus e a que nós devemos seguir. É não há nada de doentio nisso. Ao contrário, é uma visão alegre da vida e da morte. Enquanto estivermos no corpo, tratemos bem dele de maneira a levar a alegria e a paz do Reino de Deus àqueles que encontrarmos na nossa jornada. Mas, quando chegar o tempo da nossa morte, alegremo-nos também por podermos voltar a casa para estarmos com Aquele que nos trata por “Amados”.

(Henri Nouwen, Aqui e Agora – Vida no Espírito)

‘Ele vai à vossa frente para a Galileia’

Gn 1,1–2,2 «No princípio, quando Deus criou os céus e
Sl 103 (104) a terra, a terra era informe e vazia, as trevas
Gn 22,1-18 cobriam o abismo, e o espírito de Deus
Sl 15 (16) movia-se sobre a superfície das águas. (...)»
Ex 14,15–15,1 Depois Deus disse: “Façamos o ser
Is 54,5-14 humano à nossa imagem, à nossa
Sl 29 (30) semelhança, para que domine sobre os
Is 55,1-11 peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre
Ba 3,9-15.32–4,4 os animais domésticos e sobre todos os
Sl 18 (19) répteis que rastejam pela terra. Deus criou
Ez 36,16-33 o ser humano à sua imagem, criou-o à
Sl 41 (42) imagem de Deus; Ele os criou homem e
Rm 6,3-11 mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes:
Mc 16,1-7 “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai
a terra. Dominai sobre os peixes do mar,
sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na
terra.” Deus disse: “Também vos dou todas as ervas com semente
que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de
fruto com semente, para que vos sirvam de alimento. E a todos os
animais da terra, a todas as aves dos céus e a todos os seres vivos
que existem e se movem sobre a terra, igualmente dou por
alimento toda a erva verde que a terra produzir.” E assim
aconteceu. Deus vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.»
(Gn 1)



As rotinas e as obrigações, tal como as estações do ano, são contínuas e cíclicas.

Todos os dias temos de acordar e lavar os dentes, todos os dias temos de cuidar do nosso trabalho, dos estudos ou da casa, e isto acontece dia após dia, sem aparente luz. Sem aparente novidade.

Assim como depois do Outono vem o Inverno, e depois já sabemos que vem a Primavera, numa sequência igual, ano após ano. Assim como o Natal e a Páscoa, que nos visitam todos os anos. E, não raras vezes, caio na tentação de pensar e de dizer para mim mesma: “não há nada de novo este ano, vai ser mais uma Páscoa, até já conheço a história toda de cor e salteado, já sei o que dizem os discípulos, já sei que todos abandonam Jesus, já sei que Ele é acusado injustamente, já sei que Judas O trai, ainda por cima é uma história densa e exigente... será que vale a pena olhar para ela novamente?”. Na realidade, viver a Páscoa a sério pressupõe uma entrega de nós mesmos, pressupõe morrer de velhos e maus hábitos, morrer de ter pensamentos negativos e pessimistas, é morrer em relação a tudo o que nos amarra a uma vida estéril e triste. E é por isso que nos custa abraçar este “touro” da vigília... desta morte que gera vida. Porque nos custa a acreditar que seja verdade. No fundo, no fundo, duvidamos tal como Pedro, que se abeirou do sepulcro e viu as ligaduras no chão mas não entrou. E regressou para casa admirado com o sucedido.

É aqui que bate o ponto, é aqui que se faz a história de cada um de nós. O Senhor foi tão delicado na criação, como podemos menosprezar a nossa vida? Como podemos viver afogados em preocupações? Às vezes tenho tanto receio de não ter o suficiente para pagar as contas no final do mês, há vários anos que luto e trabalho colocando muito as forças em mim... Às vezes sem deixar espaço para Deus entrar...

Mas nos dias e nos momentos em que deixo que seja o espírito de Deus a conduzir-me, o resultado é muito diferente. E mais, na realidade, não há um dia igual ao outro, nem nenhuma Páscoa é igual à anterior. Porque somos dinâmicos, porque dentro de nós há uma vida que amadurece. Resta saber é se a queremos viver na companhia do Espírito de Deus ou não. Se queremos que o Senhor habite o nosso coração e, conseqüentemente, as nossas escolhas diárias, ou não. Resta saber a quem e a quê entregamos o nosso tempo, se a Deus se à nossa única vontade. Falo por mim, devoto total do Senhor e tantas vezes infiel à Sua voz, ao que Ele sopra. Por isso preciso da Páscoa, todos os anos. Preciso que O Senhor me visite desta forma bruta e gritante como é a Paixão e morte na cruz. Preciso deste derramar absurdo e sem precedente, deste amor que vai para além do que eu consigo amar. Nele, vejo o meu hoje e o meu amanhã, Nele tento ficar e aprender, com Ele tento fazer caminho e história. A minha história de vida, de dores e lamentos, de alegrias e prazeres, de sins e não, de encontros e desencontros, de tentativas frustradas, de caminhos errados, mas com Ele.

E Nele tudo ganha uma nova luz, em cada Páscoa que vivo, com entrega e verdade, com transparência e silêncio.

Frases de Antoine de Saint-Exupéry

“No teu tão pequeno planeta apenas bastará afastares um pouco a cadeira para admirares o pôr-do-sol quando quiseres.” – (Príncipezinho)

“A verdade de amanhã alimenta-se do erro de ontem, e as contradições que temos de superar são o que fertiliza o nosso crescimento.” – (Carta a um refém)

“A qualidade de se ser alegre é o bem mais precioso da nossa civilização” – (Carta a um refém)



Domingo de Páscoa, Ressurreição de Jesus, alegria, vida nova!

Act 10,34a.37-43 «No primeiro dia da semana, Maria
Madalena foi ao túmulo logo de manhã,
SI 117 (118) ainda escuro, e viu retirada a pedra que o
tapava. Correndo, foi ter com Simão Pedro
e com o outro discípulo, o que Jesus amava,
Col 3,1-4 e disse-lhes: “O Senhor foi levado do
ou 1 Cor 5,6b-8 túmulo e não sabemos onde o puseram.”

Jo 20, 1-9 Pedro saiu com o outro discípulo e foram
ao túmulo. Corriam os dois juntos, mas o
outro discípulo correu mais do que Pedro e
chegou primeiro ao túmulo. Inclinou-se para observar e reparou
que os panos de linho estavam espalmados no chão, mas não
entrou. Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira.
Entrou no túmulo e ficou admirado ao ver os panos de linho
espalmados no chão, ao passo que o lenço que tivera em volta da
cabeça não estava espalmado no chão juntamente com os panos
de linho, mas de outro modo, enrolado noutra posição. Então,
entrou também o outro discípulo, o que tinha chegado primeiro
ao túmulo. Viu e começou a crer, pois ainda não tinham
entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos
mortos.» (Jo 20, 1-9)



omingo de Páscoa, Ressurreição de Jesus, alegria, vida nova! É celebrada na Primavera, em que até a natureza está mais alegre com os campos verdejantes e floridos.

Na minha vida, muitas vezes sou assaltada pela dúvida: “Será que Jesus Ressuscitou mesmo?” Constitui um desafio à minha fé frágil. Mas, noutros momentos - umas vezes bons, de alegria, de festa, outras vezes em momentos de angústia, de dor -, em todos eles sinto que Jesus está vivo, está presente, está comigo, me dá força. Então sim, experimento a certeza de que Jesus Ressuscitou e continua vivo, nas nossas vidas, basta que O deixemos entrar, que lhe demos espaço e que se alimente esta relação de amizade (apesar dos avanços e recuos do nosso dia-a-dia, das nossas faltas de fé). Essa relação de amizade passa pela oração, a que eu nem sempre lhe dou o tempo que devia - mas quando o faço experimento como é bom estar com Ele, quanta paz e serenidade habita em mim (ainda que não saiba), quanto amor vivo. Não me resolve os meus problemas como eu por vezes quero, mas ajuda-me a vivê-los e a enfrentá-los de forma diferente.

Maria Madalena, como diz o Evangelho, no primeiro dia da semana foi, de manhã (ainda estava escuro...), ao sepulcro; viu a pedra retirada e corre a chamar Pedro e João que viram e acreditaram, embora com algumas hesitações, algumas dúvidas. No entanto, tiveram Fé! Esta mulher é, para mim, um grande exemplo de amor e dedicação a Jesus! Desafia-me porque sinto que muitas vezes o meu amor a Jesus é pequenino, não confio n’Ele de forma tranquila.

Também às vezes no meu coração ainda há muita coisa que está escura, que não vejo, há muita coisa que não percebo... Possivelmente, se procurar Jesus, como fez Maria Madalena, encontro as respostas e experimento a luz no meu coração que me permite reconhecê-Lo no outro. Amar Jesus é procurá-Lo e isso temos de ser nós a fazê-lo.

Jesus passou pelo mundo fazendo o bem e não faz aceção de pessoas... Como isso é difícil de pôr em prática na nossa vida! Parece que cada vez mais... Como é que olhamos para o pedinte que nos incomoda, que nos quer vender a revista do “Borda D’água”? Como olhamos para o arrumador de carros? Umhas vezes por medo, outras por comodismo, procuramos ignorá-los e segurar bem a mala...

Alguém me dizia um destes dias, e com razão, que eu tenho de olhar para aquele ou aquela que está a pedir à porta da igreja como uma pessoa igual a mim. Por vezes são determinadas circunstâncias em momentos concretos da vida, poderíamos dizer que são coincidências azaradas, que levam a que uns vivam realidades tão complicadas... No entanto, como é que eu olho para este homem ou esta mulher? Desagrado? Com um sorriso? Ou nem o olho...? O Papa Francisco disse, em determinada altura, que: “sempre que possível, demos um sorriso a um estranho na rua. Pode ser o único gesto de amor que ele verá no dia”.

Nesta Páscoa, tenhamos presente que Deus usa de tanta Misericórdia para connosco! Aprendamos também nós a usar de misericórdia com os outros, especialmente aqueles que mais sofrem.

Páscoa, Ressurreição! Misericórdia! Amor! Vida Nova!

Jesus, que nesta Páscoa eu possa ver-Te cada dia em cada pessoa com quem me cruzo, fazer a experiência do Teu amor, ser Teu rosto e que a Tua ressurreição seja a grande força para poder viver também eu ressuscitada, sem medo, com confiança e ajudar os outros a ressuscitar e a serem felizes!

Domingo de Páscoa, 27 de Março de 2016 - Ano da misericórdia

“Deus usa de tanta misericórdia conosco. Aprendamos também nós a usar de misericórdia com os outros especialmente aqueles que sofrem.

Se queremos seguir Cristo de perto não podemos procurar uma vida cómoda e tranquila. Será uma vida empenhada mas cheia de alegria. Sempre que possível, dêmos um sorriso a um estranho na rua. Pode ser o único gesto de amor que ele verá no dia.

São essenciais, na vida cristã, a oração a humildade, a caridade para com todos, este é o caminho para a santidade.

Para um cristão a vida não é resultado de puro acaso, mas fruto de uma chamada e de um amor pessoal.

Jesus não é somente um amigo mas um mestre de verdade e de vida, que revela o caminho para alcançar a felicidade.

Não se pode viver como cristão fora desta rocha que é Cristo. Cristo dá-nos solidez e firmeza, mas também alegria e serenidade.”

(Papa Francisco)



parte III

A nossa Verdadeira Identidade

No cerne da minha fé encontra-se a convicção de que somos filhos e filhas muito amados de Deus. E uma das maiores tarefas espirituais que nos cabem é afirmá-lo e viver uma vida fundada nessa convicção. Mas, certamente, não é fácil. Com efeito, a maioria de nós falha constantemente na afirmação da verdade de quem somos.

Poderia traçar um risco num gráfico de linhas de vida e dizer: «Esta é a minha vida, a minha pequena cronologia, o breve tempo da minha existência. Nasci em 1932 e pergunto-me onde se situará o ponto final. Quiçá em 2010...; menos mal!». Na realidade, isto é tudo o que tenho. Também vós poderíeis marcar o vosso ponto inicial um pouco mais à direita e dizer: «Foi daqui que comecei». E colocar o vosso ponto final um pouco mais à direita do meu e dizer «Tenho mais uns quantos anos de vida». Mas pouco importa. A vossa vida continua a ser uma vida breve, curta. Uma vida que passa depressa, muito depressa.

A questão que vós e eu temos a interpelar-nos é: «Quem somos?». Porque esta é a questão que nos faz seguir em frente. Durante toda a nossa vida, tentamos responder a esta pergunta «Quem sou eu?».

A primeira resposta que costumamos dar é «Sou o que faço». E isto é muito verdadeiro. Quando faço coisas boas e tenho um mínimo de êxito na vida, sinto-me bem comigo. Mas quando fracasso começo a sentir-me com o moral em baixo e deprimido. E quando envelheço não posso fazer muitas coisas, por isso digo: «Olha para o que fiz, na minha vida... olha, olha... olha, fiz qualquer coisa boa».

Ou podemos dizer: «Sou o que os outros dizem de mim». O que os outros dizem de ti tem muita força. Às vezes, é o mais importante. Quando as pessoas dizem bem de ti, podes mover-te com muita

liberdade. Mas quando alguém começa a dizer coisas negativas a teu respeito começas a sentir-te triste. Recordo que, em certa ocasião, falei com imensas pessoas que me respondiam: «O que disse é maravilhoso». Mas houve uma que se pôs em pé e atalhou: «Penso que o que você disse foi um monte de disparates». Só me recordo dessa pessoa. Por vezes, quando alguém fala contra ti, pode infligir-te uma ferida muito profunda no coração. E se alguém, ao começar o dia, te diz alguma coisa que te magoa... pode acompanhar-te todo o resto do tempo e arruinar o teu estado anímico.

Também podes dizer: «Sou o que tenho». Por exemplo, sou holandês, tenho uns pais bons, boa formação, boa saúde. Mas quando perco uma destas coisas... quando morre um membro da família, a saúde se deteriora, ou perco a propriedade que possuo, então afundo-me na obscuridade interior [...]

Com muita frequência dedicamos grande parte da nossa energia a afirmar «Sou o que faço», «Sou o que os outros dizem de mim», «Sou o que tenho». E, quando é assim, a nossa vida converte-se rapidamente num processo de altos e baixos. Porque quando os outros dizem bem de mim, quando faço coisas boas e quando tenho muitas coisas, sinto-me animado e entusiasmado. Mas quando começo a perder, quando, de repente, descubro que já nada posso fazer, quando, desde logo, oiço que se fala contra mim, quando perco os meus amigos, posso cair na depressão e sentir-me completamente desanimado. E, antes de nos darmos conta, vocês e eu começamos a ziguezaguear. E dedicamos a maior parte do nosso trabalho e da nossa energia mental a mantermo-nos na corda bamba, tentamos sobreviver. Agarramo-nos ao nosso bom nome, a alguma boa obra, à nossa propriedade, mas sabemos que no final há uma sentença que afirma: «Depois disto tudo, temos de morrer».

Quando adotamos este estilo de vida, aos altos e baixos, o final é a morte. E quando estamos mortos, estamos mortos. Já ninguém fala de nós, já nada temos, já nada podemos fazer. Perdemos tudo. E a nossa pequena vida transformou-se em nada. O que, hoje, vos quero dizer é que isto é um erro. Nem vós nem eu somos isto.

Com estas palavras se dirigiu o Demónio a Jesus, quando Ele se retirou para o deserto: «Transforma estas pedras em pães e demonstra que podes fazer algo», «Precipita-Te desta altitude, do pináculo do Templo, para que as gentes digam bem de Ti», «Prostra-Te diante de mim e dar-Te-ei muitas coisas». Então serás Amado. Porque fazes qualquer coisa, as pessoas dirão bem de Ti e todos vão amar-Te. Mas Jesus disse: «Isso é uma mentira! Essa é a maior mentira, a que fará com que vós e Eu entremos em relações de violência e destruição».

Porque Eu sei Quem sou. Sei Quem sou. Porque, antes que o Espírito me impelisse a ser tentado, veio sobre Mim e disse: «Tu és o Meu Filho muito amado. És o Meu Filho muito amado, em Quem pus toda a Minha Complacência».

E a Esta Voz Se agarrou, enquanto viveu. O povo celebrou-O e rejeitou-O. Cantou-Lhe Hossanas e crucificou-O. Mas Jesus agarrou-se à Verdade: aconteça o que acontecer, Eu sou o Amado de Deus e Isto é O Que Eu sou. E isto Me permite viver no mundo que Me elogia ou Me reprova, que se ri de Mim, ou em Mim cospe. Sou o Amado. Não porque as gentes digam que sou grande, mas porque sou amado e mesmo desde antes do nascimento.

Queridos amigos, se algo há que quero que oiçais, é que o que se diz de Jesus é o que se diz também de vós. Tens de ouvir que sois a filha amada, ou o filho amado de Deus. E tens de ouvi-lo, não só com a cabeça, senão até com as entranhas, tens de ouvi-Lo, de forma a que toda a tua vida mude radicalmente.

Diz a Escritura: «Com amor eterno te amei. O teu nome está escrito na palma da Minha Mão desde a Eternidade. Modelei-te na profundidade da terra e teci-te no ventre da tua mãe. Amo-te. Abraço-te. Tu és meu, Eu sou Teu e tu pertences-me». Tens de ouvi-Lo, porque se puderes ouvir Esta Voz que te fala, desde o Princípio dos Tempos e por toda a Eternidade, então a tua vida se converterá, cada vez mais, na vida do amado, porque isto é o que és».

Então, comesças a descobrir que tudo o que fazes nesta cronologia se alimenta do conhecimento de que és amado. Isto é o que és. E quando comesçares a crer nisto, então, esse conhecimento espiritual irá crescendo, até transformar a tua vida diária. Ainda haverá alguns que te repelem, continuarás recebendo elogios e experimentando perdas, mas já não viverás todas estas coisas como uma pessoa que anda à procura da sua identidade. Viverás a tua dor, a tua angústia, os teus êxitos e os teus fracassos, como uma pessoa que sabe quem é.

Nesta altura, quero recordar-te um passo. A Voz do Que te chama amado é a voz do primeiro amor. João escreve: «Amai-vos uns aos outros, porque Deus vos amou primeiro» (15-12). A luta principal consiste em afirmar este Amor Primeiro. Foste amado antes de o teu pai, a tua mãe, a tua irmã, o teu irmão e os teus professores te amarem... As pessoas que nos amam nem sempre nos amam bem... As pessoas que cuidam de nós também nos ferem. E sabes, por tua experiência, que os que estão mais perto de ti, os teus pais, os teus filhos, os teus irmãos, os teus professores, as Igrejas, são também os que mais danos te causam. Como se pode viver isto? Como se pode viver a nua e crua verdade de que, neste mundo, o amor e as feridas nunca estão separados? Só podemos vivê-lo quando nos reconduzimos sempre ao Primeiro Amor.

Por conseguinte, podemos amar aqueles que nos amam pobremente e podemos reconhecer no amor que recebemos um sinal, ou vislumbre da realidade do Primeiro Amor. Podes agarrar-te a isto? De cada vez que te sintas tentado a sentir rancor ou ciúmes, a enfurecer-te, a sentires-te repellido, podes recompor-te e dizer: «Não, eu sou o filho amado de Deus». E ainda que seja repudiado, esse repúdio deveria converter-se, para mim, num caminho para atingir a Verdade. Deveria ser como uma poda, que me ajude a afirmar, de uma forma mais plena e mais profunda, a verdade de que sou uma pessoa amada. E se posso ter isto em mente e viver no mundo, então posso ser livre para amar outras pessoas, sem esperar que me deem tudo o que o meu coração deseja.

Deus criou-nos, a ti e a mim, com um coração que só pode achar-se satisfeito com o Amor de Deus. Todos os demais amores serão parcelares; serão reais, mas limitados: serão penosos. Se estamos dispostos a deixar que a dor nos pode, que nos dê um sentido mais profundo de que somos amados, então poderemos ser tão livres como Jesus, caminhar neste mundo e proclamar o Primeiro Amor, o de Deus, onde quer que formos.

Sermão «Ser o Amado», 23 de Agosto de 1992, televisionado em
The Hour of Power, de Robert Schuller

Quem Sou Eu?

*Quem sou eu? Dizem-me amiúde
que saio da minha cela
sereno, risonho e forte
como um nobre do seu palácio.*

*Quem sou eu? Dizem-me amiúde
que falo com os carcereiros
livre, amistosa e francamente
como se mandasse eu.*

*Quem sou eu? Dizem-me também
que suporto os dias de infortúnio
com indiferença, um sorriso e orgulho
como alguém habituado a vencer.*

*Sou, realmente, o que os outros dizem de mim?
Ou serei antes só o que eu mesmo sei de mim?
Intranquilo, ansioso, doente, qual passarinho engaiolado,
aspirando com dificuldade a vida, como que estrangulado,
faminto de cores, flores, cantos de aves,
sedento de palavras boas e de proximidade humana,
tremendo de cólera ante a arbitrariedade e o menor agravo,
agitado pela espera de coisas grandes,
impotente e temeroso pelos amigos na lonjura infinita,
cansado e vazio para orar, pensar e criar,
esgotado e disposto a despedir-me de tudo.*

*Quem sou eu? Este, ou aquele?
Serei um outro, hoje, esta manhã?
Serei os dois, a um tempo? Ante os homens, um hipócrita
e, perante mim mesmo, um desprezível, queixoso e débil?*

Ou melhor, o que ainda resta em mim assemelha-se ao exército batido

que se retira em desordem, face à vitória que lhe foi arrebatada?

Quem sou? As perguntas solitárias riem-se de mim.

Seja quem for, Tu conheces-me, sou Teu,

Ó Deus!

(Dietrich Bonhoeffer)



Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Fevereiro

4	<i>Casa da Palavra</i>	Eu & Tu... – 21h30
13 a 14	<i>Vale de Lobos</i>	CPM
14	<i>Paróquia C. Grande</i>	Eucaristia dos Jovens – 19h15
14	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
16	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura... – 21h
17	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
20		"Peddy-paper" em Lisboa – 10h
20	<i>Casa da Palavra</i>	Eucaristia da Comunidade – 17h
23 a 25		Retiro Online – Quaresma
24	<i>Casa da Palavra</i>	Vem Descobrir – 21h
25	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas – 21h30 (Capela 5º andar)
26 a 28	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
28	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h

Março

3	<i>Casa da Palavra</i>	Eu & Tu... – 21h30
3	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas – 21h30 (Capela 5º andar)
10	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas – 21h30 (Capela 5º andar)
12		Encontro "Pais à procura..." – 10h
12	<i>Casa da Palavra</i>	Eucaristia da Comunidade – 17h
13	<i>Paróquia C. Grande</i>	Eucaristia dos Jovens – 19h15
13	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
15	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura... – 21h
16	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
17	<i>Paróquia C. Grande</i>	Retiro em Etapas – 21h30 (Capela 5º andar)
19 a 23		Peregrinação dos Jovens a Fátima
24 a 27	<i>Vale de Lobos</i>	Páscoa em Oração
24 a 27	<i>Paróquia C. Grande</i>	Páscoa Fraterna
30	<i>Casa da Palavra</i>	Vem Descobrir – 21h

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei – Lisboa

Abril

3	<i>Paróquia C. Grande</i>	Eucaristia dos Jovens – 19h15
7	<i>Casa da Palavra</i>	Eu & Tu... – 21h30
10	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
16	<i>Casa da Palavra</i>	Tarde de Revisões e Aprofundamentos – 14h30
16	<i>Casa da Palavra</i>	Eucaristia da Comunidade – 17h
17	<i>Paróquia C. Grande</i>	Feira da Primavera
19	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura... – 21h
20	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
22 a 25	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
27	<i>Casa da Palavra</i>	Vem Descobrir – 21h
30		Taça Verbum Dei – 10h

Maio

1	<i>Paróquia C. Grande</i>	Dia da Mãe – Venda de Flores
1	<i>Paróquia C. Grande</i>	Eucaristia dos Jovens – 19h15
5	<i>Casa da Palavra</i>	Eu & Tu... – 21h30
7	<i>Vale de Lobos</i>	Encontro de Namorados e Famílias VD – 9h30/17h
8	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
14 a 15	<i>Vale de Lobos</i>	CPM
17	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura... – 21h
18	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
21	<i>Casa da Palavra</i>	Eucaristia da Comunidade – 17h
22	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
24 a 26		Retiro Online – Verão
25	<i>Casa da Palavra</i>	Vem Descobrir – 21h
27 a 29	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Próximas Atividades da Família Missionária Verbum Dei - Lisboa

Junho

5	<i>Paróquia C. Grande</i>	Eucaristia dos Jovens – 19h15
15	<i>Casa da Palavra</i>	Formação Bíblica – 21h
19	<i>Casa da Palavra</i>	ForRev – 21h
16	<i>Casa da Palavra</i>	Pais à procura... – 21h
25	<i>Vale de Lobos</i>	Conselho FaMVD – 10
25	<i>Vale de Lobos</i>	Eucaristia da Comunidade – 17h

Julho

20 a 1 Ago	<i>Hungria e Polónia</i>	Encontro Internacional VD e Jornadas Mundiais da Juventude
------------	--------------------------	--

Agosto

6 a 13	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio
20 a 27	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio com Colónia
31 a 4 Set	<i>Vale de Lobos</i>	Campo de Trabalho

Setembro

16 a 18	<i>Vale de Lobos</i>	Encontro de Animadores
23 a 25	<i>Vale de Lobos</i>	Retiro de Silêncio

Mais informações e inscrições em lisboa.verbumdei.org

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

_da oração;

_do ministério da Palavra;

_do testemunho de vida evangélica.



Centro de Evangelização Vale de Lobos

Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do Bispo

GPS N 38° 49' 15"; W 9° 17' 25"

Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra

Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa

Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei

lisboa.verbumdei.org | contacto@verbumdei.org | Tel. Lisboa - 21 795 09 57

cadernodeoracaovd@gmail.com